



ENTRE O AMOR E A LIBERTAÇÃO: IANSÃ E OGUM ENCARNADXS NA POÉTICA VISUAL DE DANDARA E ZUMBI

Patrícia Lessa

Docente no Departamento de Fundamentos de Educação

Universidade Estadual de Maringá

Laís Fialho

Graduanda em História

Universidade Estadual de Maringá

RESUMO

A proposta que apresentamos se insere nas questões proposta em nossa pesquisa atual. Vamos utilizar uma análise feminista do filme “Quilombo”, escrito e dirigido por Cacá Diegues em 1984, partindo de três perspectivas teóricas: feminismo negro, feminismo libertário e descolonialista. A relação entre as três perspectivas encontra pontos de união sendo mais forte a questão da libertação dos corpos de toda forma de escravidão e dominação dos corpos. Soma-se a ideia de poética e a proposta metodológica de cartografia nas artes. Os elementos que serão foco da análise são as relações étnicas, de gênero e as relações humanidade-inumanidade presentes nos rituais afro-religiosos. Rituais centrados na imagem dos Orixás, divindades cultuadas no candomblé e no filme representadas por duas figuras centrais do filme: Dandara e Zumbi, respectivamente filha/o de Iansã e de Ogum, o casal de guerreiros quando se encontram faz com que Dandara largue o companheiro Ganga Zumba, filho de Xangó, para viver até o fim da vida e lutar ao lado de Zumbi. O filme se passa no Quilombo de Palmares, lugar onde por volta de 1650, após uma batalha na qual saíram vitoriosos, um grupo de escravos fugiram para as montanhas nordestinas para viverem livres, mas também para não deixar sua língua e seus costumes morrerem. Dandara torna-se uma mulher à frente de seu tempo, lutou e conseguiu grandes feitos em condições iguais aos homens do quilombo.

Palavras-Chave: Quilombo dos Palmares; Etnia; Gênero.

INTRODUÇÃO

A proposta de comunicação oral que apresentamos se insere nas questões proposta em nossa pesquisa: “Experimentações estéticas nos terreiros de candomblé: interseccionalidade entre etnias, gêneros e gerações” iniciada em 2015.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



Vamos utilizar a análise feminista do filme “Quilombo”, escrito e dirigido por Cacá Diegues em 1984, em uma coprodução Brasil-França, partindo de três perspectivas teóricas: feminismo negro, feminismo libertário e descolonialista. A relação entre as três perspectivas encontra pontos de união sendo mais forte a questão da libertação dos corpos das muitas formas de escravidão e dominação dos corpos. Carneiro (2006) aponta que no Brasil 82 jovens são mortos diariamente e, do total de mortos 77% é negrx, por isso, entendemos que promover debates e temas propositivos podem colaborar na luta contra o racismo. O filme apresentado é uma ponte para a discussão já que é uma poética visual reconhecidamente ativista, ou seja, um filme com características estéticas, não comerciais fortes e com a presença ativista já que mostra a força da resistência negra.

A ideia de poética visual encontra eco na proposta metodológica de cartografia nas artes, ou seja, a ideia de um mapa onde se localizam as resistências e os pontos de fuga (ROMAGNOLE, 2014). Entendemos o filme como uma poética visual, compota os movimentos de câmera, gestos, ações, sons, cores, personagens, não provenientes das palavras, mas como processo de criação e de elaboração da obra. Alguns destes aspectos, demonstram a materialização criativa em sua concretude, independente de uma explicação sobre obra pelo artista ou de qualquer texto explicando o filme, dizemos que: *“Experiencias estéticas y pedagógicas que crean poéticas visuales vía múltiples manifestaciones como: en los espacios públicos, en las redes sociales y medios de comunicación, en el activismo social, en las performances corporales y/o en los espacios de educación”* (LESSA, 2015, p. 3).

As relações entre poéticas visuais e experimentação estética são propositivas e possibilitam criar para além da análise conceitual, puramente teórica e, além disso, formam pedagogias dos corpos que resistem as capturas do academicismo e da produção serializada de imagens, neste caso o filme recorre as estéticas relacionadas ao candomblé e as varias formas de manifestações dos rituais afro-religiosos. Os elementos que serão foco da análise são as relações étnicas, de gênero e as relações humanidade-inumanidade presentes nos rituais afro-religiosos.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Sendo assim, dividimos o texto em duas partes, inicialmente a discussão das interseccionalidades entre etnias, gêneros e gerações possibilitadas pela análise feminista do filme e, depois a discussão das propostas feministas para pensar a relação e valor entre a personagem Dandara e os personagens masculinos.

Interseccionalidades entre etnias, gêneros e gerações

Os registros de resistência à escravidão do povo africano no Brasil começam a chamar atenção pela organização social típica dos Quilombos. A população de escravxs cansadxs das torturas e dos maus tratos inicia um dos movimentos de resistência negra mais marcantes na história do Brasil, a formação dos quilombos. Para Cardoso e Gomes (2015, p. 07): “A relação entre o movimento negro e o movimento quilombola apresenta configurações muito próprias em cada região do Brasil”, portanto não é possível pensar em um movimento uniforme, unificado, pois cada região apresenta lutas específicas.

A escolha do filme “Quilombo” se deu em função de dois elementos importantes na nossa análise: primeiro a presença dos rituais centrados na imagem dos Orixás, divindades cultuadas no candomblé e, na presença dois personagens centrais do filme: Dandara e Zumbi, respectivamente filha de Iansã e filho de Ogum. O casal de guerreiros quando se encontram faz com que Dandara largue o companheiro Ganga Zumba, filho de Xangó, para viver até o fim da vida e lutar ao lado de Zumbi. Em vários momentos do filme aparecem as representações dos Orixás Ogum e Iansã que tornam o sentido de um diálogo entre humanos e não-humanos. O filme se passa no Quilombo de Palmares, lugar onde por volta de 1650, após uma batalha na qual saíram vitoriosos, um grupo de escravos fugiram para as montanhas nordestinas para viverem livres, mas também para não deixar sua língua e seus costumes morrerem. Dandara torna-se uma mulher à frente de seu tempo, lutou e conseguir grandes feitos em condições iguais aos homens do quilombo ela esteve a frente das batalhas.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





O filme inicia com uma batalha onde Ganga Zumba e Dandara protagonizam a libertação de um grupo de escravxs. Depois do embate o grupo fugiu para as montanhas nordestinas, onde estava já consolidado o Quilombo dos Palmares. No início nos deparamos com uma comunidade matriarcal, liderada pela senhora negra de nome Acotirene, rainha e líder religiosa. Com a chegada deste grupo ela visualiza a necessidade de uma nova liderança, recorre aos Orixás e num ritual as figuras: Ganga Zumba e Xangô misturam-se, confundem-se e informam a presença de um novo tempo para Palmares. O líder Ganga Zumba, príncipe africano, que em pouco tempo tornou-se o rei dos Palmares, foi ajudado por sua companheira Dandara e por seu melhor amigo Acaiúba, e juntos fizeram o Quilombo prosperar. Neste momento da chegada de ambos, nasce Zumbi, filho de Ogum, que foi raptado ainda criança e que somente retornaria para Palmares mais tarde.

A relação entre humanidade e inumanidade está presente nas poéticas visuais do filme de um modo bastante específico, os Orixás aparecem quando acontecem os rituais, sejam de festividades ou de preparação para as batalhas. Quando os tambores de Palmares ressoam as misturas de vestuários, de configurações corporais mostram a presença que não é humana, é vivenciada na ritualística do candomblé. Para cada Orixá existe um conjunto simbólico específico que irá influenciar na confecção das vestimentas, na escolha das cores, da feitura das comidas, no evocar de cantigas, nos adornos dos ambientes, nos diferentes espaços físicos onde se manifestam e, no modo de narrar suas histórias para o reconhecimento enquanto divindades. Cada Orixá está associado à alguma força da natureza, como por exemplo: Ogum é o guerreiro que domina o ferro, o fogo e os caminhos; Iemanjá é a mãe do mar, Iansã é a dona dos ventos, Oxum é a mãe da água doce, Oxóssi é o rei da mata, conhecedor da sabedoria das plantas. Assim constroem-se imagens de como são xs Orixás e, com muita frequência dizer-se que as personalidades dxs seus/suas filhxs são consequência dos orixás que regem as suas cabeças, seu ori, na língua iorubá.

Ganga Zumba foi líder durante um tempo e derrotava os brancos que tentavam derrubar Palmares com muita bravura e com a força dos ritos religiosos.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



Em uma das tentativas de derrubar o quilombo ele conhece Ana de Ferro, uma prostituta que foi oferecida como recompensa para um dos homens usado pelos portugueses para derrotar os quilombos, neste momento do filme Ganga Zumba torna-se amante de Ana, e mostra a presença de índixs, brancxs e fugitivxs da justiça, que os quilombos também abrigavam.

Zumbi, comprado e criado por um padre teve acesso ao estudo do latim e da cultura judaico-cristã, porém, ainda jovem ele foge, levando nas mãos mantimentos e um facão. Ele encontra Palmares e exausto chama por Ganga Zumba, que quando o encontra reconhece na força e na bravura o filho de Ogum. Seu regresso era esperado, e logo no início do reencontro Ganga Zumba recebe uma proposta de levar o povo de Palmares para um lugar prometido pela coroa portuguesa para pacificar brancxs e negrxs. Zumbi não aceita essa decisão e mantém seu grupo unido para lutas e resistir no quilombo. Tornando-se líder. Ganga Zumba aceita a mudança e num ritual embalado pelos tambores oferece a Zumbi sua lança de ouro, que é uma das armas de Ogum.

O encontro de Zumbi e Dandara faz que ela volte a cena do filme, pois ambos se reconhecem, se aproximam, passam a viver juntos e tornam-se poderosxs guerreirxs na resistência de Palmares. Logo que Dandara encontra Zumbi ela diz: “eu te vi nascer”. Aqui muitas questões podem ser pensadas: as relações afetivas são mais fluidas, se dão mais por afinidades, paixão e afetos do que por uma convenção ou instituição como o casamento burguês, outra questão é que mesmo a diferença de idade não é uma barreira para o relacionamento entre o casal. As relações entre gêneros e gerações são presentes em muitos momentos servindo assim para a discussão das interseccionalidades.

A derrota de Zumbi dos Palmares no final do filme não representa o fim do Quilombo, uma vez que o termo quilombo significa organizações de movimento negro, se refere às suas formas de gestão política, definidas pelo próprio grupo. O simbolismo que representa a continuidade de Palmares é visto no momento que Zumbi, ao ser baleado pelos portugueses, joga a sua lança para o alto e grita:

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Patrocínio:





Ogunhé! Com isso ele anuncia que a resistência está na força dos Orixás, dos encontros e da coletividade.

Zumbi é considerado hoje como um símbolo de resistência negra e no dia 20 de novembro, data em que Zumbi diz-se que ele foi morto, é comemorado o Dia da Consciência Negra. Por sua vez Dandara pouco aparece nos registros da história, deve-se aos registros do feminismo negro e libertário sua presença na memória social. Ela foi uma mulher forte, guerreira na luta pelo sonho da autonomia de seu povo. No início do filme aparece e mata um português que pretendia mantê-la como sua escrava. Nessas condições Dandara torna-se uma mulher à frente de seu tempo, capaz de lutar e conseguir grandes feitos em condições iguais aos homens do quilombo.

Feminismo interseccional e empoderamento das mulheres na história de Dandara

Se consideramos que as mulheres carregam uma experiência histórica e cultural diferenciada da masculina, ao menos até o presente, uma experiência que algumas historiadoras feministas classificaram como das margens, da construção miúda, da gestão do detalhe, expressa na busca de uma nova linguagem ou na produção de um contradiscurso, é importante destacar que ocorre, assim, uma profunda mutação na produção do conhecimento (RAGO, 1998). Para a autora o que parece ser mais importante é saber inovar libertariamente, abrindo o campo das possibilidades interpretativas, propondo múltiplos temas de investigação, formulando novas problematizações, incorporando inúmeros sujeitos sociais, construindo novas formas de pensar e viver e rompendo os grilhões da história que invisibilizaram ou apagaram a presença das mulheres.

As críticas feministas libertárias de Margareth Rago são propositivas à medida que iluminam os estilos de vida e os modos de existência que resistem as normalizações e tradições, nomeadas pela autora de "artes da insubordinação voluntária". Parece que de algum modo, entramos num terceiro momento, isto é,

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





num tempo em que nosso interesse se volta para apreender as experiências femininas, atentas às personagens sociais que apostaram na luta pela emancipação das mulheres como forma de libertação da humanidade. Sua importância reside no fato de, como os feminismos, iniciamos um trabalho de preservação da memória pessoal e coletiva, na qual as mulheres são protagonistas e não meras espectadoras ou moribundas figuras apáticas do patriarcado. Temos voz por isso falamos e resistimos, entendemos, assim, a linguagem como raiz da liberdade (CARNERO, 2015; RIBEIRO, 2015b).

Os feminismos necessitam viver a relação interseccional para dar voz e vez para as mulheres em suas etnias, gerações e orientações de gênero. Para reforçar nossas perspectivas teóricas informamos da necessidade de trabalhar com as ideias de descolonizar os corpos e as ações, já que as marcas das violências ainda refletem as heranças da sangrenta colonização e cultura escravista. A perspectiva em questão, somada aos demais traços feministas percebem o conhecimento como saber em processo, uma jornada, um caminhar que ilumina novos horizontes não capturados, diz a cineasta e escritora vietnamita:

O significado move-se com o caminhar e, como se diz frequentemente na Ásia, milagre é caminhar no chão, e não na água. Caminhar é uma experiência de indefinição e infinitude. A cada passo adiante, o mundo vem a nós. A cada passo adiante, uma flor brota sob nossos pés. [...] Um cinza multicolorido cujo tempo resiste à captura e cujas cores desafiam toda formação em preto e branco. A cada passo, o mundo vem ao caminhante (MINH-HÁ, 2011, p. 18-19).

A temática da ancestralidade africana coloca em evidência os valores civilizatórios africanos que serviram de base para a criação das religiões de matrizes afrodescendentes. O terreiro é o local sagrado onde as divindades são consultadas e homenageadas. No Brasil, esse espaço sacralizado se constituiu historicamente como lugar privilegiado na transmissão e recriação de filosofias, cosmologias, práticas alimentares e artístico ritualísticas, saberes botânicos e redes de

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



solidariedades. No filme isso fica claro quando a cena de Palmares mostra o cotidiano marcado por ritos e traços desta cultura.

O candomblé foi fundando em Salvador, no século XIX, por lideranças femininas. As Mães de Santo dos primeiros terreiros eram as mais sábias e poderosas das redes que começaram: o protagonismo feminino na criação das primeiras comunidades-terreiros é inegável. As lalorixás, nome designado as Mães de Santo, foram as fundadoras não apenas dos terreiros famosos, mas também foram as matriarcas espirituais de diversas famílias de santo que hoje estão espalhadas em terreiros de todo o Brasil. A lalorixá também recebia as pessoas humildes e sempre oferecia café ou comida aos visitantes, fossem eles pobres ou chefes-de-Estado. Caetano Veloso afirmou sobre ela:

A memória de Mãe Menininha projeta-se para o futuro de um Brasil que há de merecer uma vida à altura dos deuses que vieram, pelo destino trágico do seu povo, habitar nossas florestas, nossas ruas, nossa língua e nossos sonhos... A memória de Mãe Menininha é a memória do que há de mais profundo e mais denso em nossa formação cultural (MÃE MENININHA, 2015).

A intolerância religiosa está diretamente relacionada ao racismo e ao sexismo no Brasil, pois as lalorixás são muitas vezes alvo de agressões e discursos de ódio e são mulheres líderes religiosas entrando em choque com a cultura judaico-cristã onde as mulheres não possuem o mesmo valor e possibilidade de ascensão que os homens.

A filósofa feminista negra Djamila Ribeiro, que escreve uma coluna na página: “blogueiras negras” e no “escritório feminista” da Revista Carta Capital diz que os preconceitos diários são somados aos discursos opressores em forma de piadas e das “ditas brincadeiras inocentes” que não são menores que as violências físicas, já que as reforçam e alimentam, diz ela: “É preciso perceber que o humor não é isento, carrega consigo o discurso do racismo, machismo, homofobia, lesbofobia, transfobia. Diante de tantos humoristas reprodutores de opressão, legitimadores da

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Patrocínio:





ordem, fico com a definição do brilhante Henfil: “O verdadeiro humor é aquele que dá um soco no fígado de quem oprime”” (RIBEIRO, 2015).

Rosana Santos (2013), que realizou um estudo interseccionalizando gênero, etnia e classe em sua pesquisa de mestrado sobre o filme “Domésticas” é importante autora para pensarmos as relações entre racismo, sexismo e classismo. Para a autora o filme “Domésticas” reafirma uma imagem estereotipada engessando um modo de ser e generalizando a vida e o cotidiano das mulheres negras. Com os adjetivos “preta, pobre e ignorante” as mulheres negras são rotuladas e reenviadas para vala dos corpos domesticados, termo que ela utilizou para dar nome a dissertação. Escreve a autora:

Discursos que reiteram a desigualdade de gênero, classe e etnia estão presentes no filme. “Ser” doméstica é algo degradante, mas inerente à mulher pobre e negra, não se lhe apresentando outra opção. É o que transparece na fala de Cléo. Percebemos que o exercício da função se transforma em identidade, quando não, em essência, Cléo conclui seu relato da trajetória das mulheres negras de sua família ao afirmar: Eu sou doméstica. E no início da fala apresenta a razão de “ser” doméstica. “Eu nasci assim preta, pobre e ignorante”. Aqui temos a linguagem cinematográfica reiterando um conhecimento social compartilhado, ou seja, uma representação social da mulher negra (SANTOS, 2013, p. 178).

Se as mulheres são apagadas da história a presença de mulheres negras é quase nula na versão tradicional linear e patriarcal. Alguns pesquisadorxs que escreveram sobre Dandara destacam o papel dessa grande líder e falam de sua sede por liberdade. E ao escreverem sobre ela reclamam que até então não se tem conhecimento de como ela era, como era o seu rosto, sua trajetória ou de onde veio. diz Arraes (2015): “o mês da Consciência Negra precisa ser cada vez mais o mês de Dandara dos Palmares, da autonomia absoluta da mulher negra e da completa liberdade feminina, que protagoniza as trincheiras da resistência contra a discriminação por cor e gênero. Dandara vive!”.

Na imagem de Dandara como importante figura guerreira na resistência negra podemos observar muitas questões. Na primeira questão, a quebra da representação das mulheres como frágeis, submissas e passivas é confrontada com a presença das guerreiras na história, a segunda questão é o questionamento da história como narrativa ‘verdadeira’ é

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





aqui expressado, ficando clara a explicitação de que a história é uma narrativa construtora de gênero, uma de suas tecnologias, já que os estereótipos binários são apresentados como universais. Quando se apaga da história a presença de mulheres fortes e guerreiras se subverte uma visão biologicista calcada na divisão binária de gênero.

O silêncio ou a mitificação das mulheres guerreiras as exclui da história, logo, da memória social, das tradições, das representações sociais que moldam o real. As descobertas arqueológicas mostram o poder social das mulheres são silenciadas na historiografia e na academia a cada descoberta de grupos de mulheres empenhadas na luta armada ou na resistência guerreira. A matriz do empoderamento feminino cria novos sentidos para sua existência e novas possibilidades de subjetivação presente, respaldadas em imagens positivas do feminino e das mulheres negras, daí decorre a importância de Dandara para os feminismos, para a história e para a memória social.

Considerações finais

O filme passa a ideia de que os negros lutaram não apenas por liberdade, mas, também para não deixar sua língua e seus costumes morrerem. Na poética visual e sonora vemos que a religião é um ponto marcante na obra, pois mostra a reverência aos Orixás e os cultos aos espíritos presentes no candomblé e em muitas outras religiões afro-brasileiras.

A personagem Dandara é apresentada como mulher forte, determinada e guerreira rompendo a ideia de que as mulheres são frágeis e portanto não participam do front de guerra e das batalhas campais por libertação. Embora, não fique no mesmo patamar de Zumbi, ainda assim o filme recupera uma imagem importante para o empoderamento feminino.

Outra questão importante a ser destacada é a relação humanidade e inumanidade no amor entre Dandara e Zumbi, ambos são representados pelos Orixás Iansã e Ogum, divindades ligadas a arte da luta pela justiça, pela libertação. Nas cenas em que Dandara vai para luta sua imagem retrata a divindade que a acompanha.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



Tendo uma base teórica-conceitual nas autoras e autores aqui citadxs e, nas muitas leituras ainda por realizar, nossa pesquisa pretende Como disse Sueli Carneiro (2015) é preciso “Enegrecer o feminismo”, e como buscam as anarquistas “Libertar os corpos” para fazer aparecer expressões não capturadas pelas malhas da violência, seja ela racial, de gênero ou de intolerância religiosa.

Apesar de suas diversidades de perspectivas, os feminismos parecem ter um objetivo comum: o de transformar a face do mundo, de mudar as práticas sociais, começando por aquelas que são apontadas como fundamentais: as relações entre o feminino e o masculino, entre as próprias mulheres.

REFERÊNCIAS

ARRAES, Jarid. E Dandara dos Palmares, você sabe quem foi? Disponível em: <http://www.geledes.org.br/e-dandara-dos-palmares-voce-sabe-quem-foi/#axzz3TUAJEmYI>. Acesso em: nov. de 2014.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo**: a situação da mulher negra na américa latina a partir de uma perspectiva de gênero. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/A-situa%C3%A7%C3%A3o-da-mulher-negra-na-Am%C3%A9rica-Latina-1.pdf>. Acesso em: março de 2015.

CARDOSO, Lourenço; GOMES, Lilian. Movimento social negro e movimento quilombola: para uma teoria da tradução. Disponível em: http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307638313_ARQUIVO_artigo_conlab_ultimaversao5.pdf. Acesso em: abril de 2015.

LESSA, Patrícia. Visibilidades y ocupaciones artísticas em territórios físicos y digitais.

XVIII Coloquio de Historia de la educación: arte, literatura y educación. **Anais eletrônicos**. Vic, Barcelona, Espanha, 8-10 de jul. 2015. Disponível em: <http://mon.uvic.cat/cnhe/publicacion/>, Acesso em: mar. 2015.

PELLEGRINI, Marcelo. Violência: Brasil mata 82 jovens por dia. **Carta Capital**. 2014. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/violencia-brasil-mata-82-jovens-por-dia-5716.html>. Acesso em: março de 2015.

MÃE MENININHA. **Babalorixás e lalorixás**. Disponível em: <https://babalorixas.wordpress.com/mae-menininha/>. Acesso em: março de 2015.

Realização:



Apoio:



Patrocínio:



PlayBook



MINH-HÁ, Trinh T. Milhas de estranheza. AREND, Silvia; RIAL, Carmen; PEDRO, Joana Maria. **Diásporas, mobilizações e migrações**. Florianópolis: editora Mulheres, 2011, p.17-34.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (orgs) **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.

RIBEIRO, Djamila. **As diversas ondas do feminismo acadêmico**. Carta Capital. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/author/djamila-ribeiro/>>. Acesso em: fev. de 2015a.

_____. **Quando opiniões também matam**. Carta Capital. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/author/djamila-ribeiro/>>. Acesso em: março de 2015b.

ROMAGNOLE, Roberta. A Cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicologia Social**. v.21, n.2, Florianópolis, Mai/Ago. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822009000200003&script=sci_arttext>. Acesso em: fev. de 2014.

SANTOS, Rosana dos. Por que eu tinha que nascer assim, preta, pobre e ignorante? As representações das trabalhadoras domésticas em *Domésticas*: O filme. **Revista Caderno Espaço Feminino**. Uberlândia, MG, v.26, n.2, p. 173-182, jul/dez, 2013.

_____. **Corpos domesticados**: a violência de gênero no cotidiano das domésticas em Montes Claros (1959-1983). Dissertação (Mestrado em História na universidade Federal de Uberlândia – MG), Uberlândia, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/1359>>. Acesso em: julho de 2013.

BETWEEN LOVE AND LIBERATION: IANSÃ AND OGUM INCARNATE IN VISUAL POETRY OF DANDARA AND ZUMBI

ABSTRACT

The proposal we present forms part of the proposed issues in our current research. We will use a feminist analysis of the film "Quilombo", written and directed by Carlos Diegues in 1984, starting from three theoretical perspectives: black feminism, libertarian feminism and descolonialista. The relationship between the three perspectives is connection points being stronger the question of release of the bodies

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





of all forms of slavery and domination of the bodies. Added to the idea of poetic and methodological aspects of cartography in the arts. The elements that will be the focus of the analysis are ethnic relations, gender and humanity-inhumanity relationships present in african-religious rituals. Rituals centered on the image of the Orishas, worshiped deities in Candomblé and the film represented by two central figures of the film: Dandara and Zumbi, respectively daughter in the Iansã and Ogun, the couple warriors when they are causes Dandara drop the companion Ganga Zumba, son of Shango, to live up to the end of life and fight alongside Zumbi. The film is set in the Quilombo de Palmares, where around 1650, after a battle in which they were victorious, a group of slaves fled to the northeastern mountains to live free, but also not to let their language and customs die. Dandara becomes a woman ahead of her time, fought and achieve great things on equal terms to Quilombo men.

Keywords: Quilombo dos Palmares; ethnicity; Genre.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook